

COMPREENSÃO SOBRE CORPO PARA DISCENTES DE UM CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Cristiany Nely Pereira¹ Aline Pereira Silva² Flávia Gonçalves da Silva³

Resumo: Este trabalho teve como objetivos identificar a compreensão de corpo para os discentes do curso de Educação Física e de que modo compreendem como deve ser o corpo do profissional dessa área. A pesquisa foi do tipo qualitativa, a partir da técnica do grupo focal e contou com a participação de oito discentes, homens e mulheres do primeiro e do último período do curso de Educação Física da UFVJM. Houve um encontro em que práticas corporais de quatro práticas corporais, sendo uma de desporto adaptado, uma colaborativa, uma competitiva e uma com situações em que as possibilidades do corpo pudessem ser sentidas e refletidas a partir de obstáculos a serem superados (andar com os olhos vendados, subir e descer de um banco). No encontro do grupo focal, foram discutidas as concepções de corpo dos discentes, tanto a partir das vivências corporais do primeiro encontro como pelas compreensões que eles tinham sobre esse conceito. Como resultado, a maioria dos participantes da pesquisa entendeu o corpo como uma construção cultural e que ele traduz emoções, compreendo, assim, uma forma de linguagem e o resultado de experiências adquiridas, mesmo não havendo clareza teórica sobre o que é corpo e cultura. Mas, também, existe um padrão de normalidade do corpo comum para a maioria das pessoas, aceito por uma cultura e veiculado nos meios de comunicação. Sobre o corpo do profissional de educação física, os discentes do primeiro período entenderam, em sua maioria, que deve ser um “modelo” a ser seguido, enquanto a maioria do último período destacou a importância de questionar tais padrões. Apesar desta diferença, não é possível afirmar que elas são explicadas pelo momento em que estavam no curso pelo número reduzido de participantes e por divergências entre estudantes do mesmo período também terem sido identificadas. Destaca-se a importância de conteúdos teóricos e práticos que conceituem sobre o corpo e possibilitem aos discentes diversas vivências corporais que os ajudem a conhecer melhor o seu corpo.

Palavras-chave: compreensão de corpo; educação física; formação profissional

Afiliação

³ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)

UNDERSTANDING OF THE BODY BY UNDERGRADUATE PHYSICAL EDUCATION STUDENTS

Abstract: The aim of this study was to identify the comprehension of the body by undergraduate physical education students and how they understand the body of professionals of the area should be. The study adopted a qualitative approach using focus group technique involving the participation of eight undergraduate students, men and women of the last semester of the Physical Education course from the *UFVJM* (Portuguese acronym for Federal University of the Jequitinhonha and Mucuri Valleys). There was an event, which included four bodily practices: an adapted sports practice, a collaborative practice, a competition and activities in which the possibilities of the body could be felt and reflected upon overcoming obstacles (blindfolded walk and getting on and off a bench). In the focus group meeting, discussions involved students' conceptions of the body based on their bodily experiences from the initial meeting and their preexisting understandings of this concept. Results demonstrate that most of the research participants perceived the body as a cultural construct that translates emotions, understanding it as a form of language and the outcome of acquired experiences, even in the absence of theoretical clarity concerning the nature of body and culture. However, there is also a prevailing standard of normalcy for the human body accepted by society and disseminated in the media. Regarding the body of physical education professionals, most first-semester students believed it should embody an ideal "model" to be followed, while most last-semester students emphasized the importance of questioning such standards. Despite this difference, it is not possible to affirm that these perspectives are exclusively explained by the stage of the course the students were in, due to the small number of participants and the identified divergences among students from the same semester. It is important to implement theoretical and practical contents that conceptualize the body and allow students the contact with diverse bodily experiences to help them better understand their own bodies.

Key words: understanding of the body; physical education; professional formation

Introdução

Existem diversas concepções de corpo e algumas delas muito amplas, que foram construídas no decorrer da história da humanidade, vinculadas a valores e padrões sociais de uma dada época. Atualmente, o padrão de corpo considerado belo para ser desejável leva muitas pessoas à busca por esse ideal, ocasionando, muitas vezes, comportamentos e práticas que colocam em risco a própria saúde do indivíduo.

O aumento da tecnologia, da produção e do consumo produziu novas mercadorias. Se, no início do capitalismo, o corpo era essencialmente máquina produtiva, no atual estágio do desenvolvimento do capital, além de ser produtivo, é também uma mercadoria. Enquanto mercadoria, diversas expansões de atividades corporais e produtos para o corpo foram e são produzidos, promovendo a padronização do que é considerado belo e produtivo, levando as pessoas a sentirem necessidade de obter determinado corpo, construído para atender as demandas do mercado¹.

Fátima² explica que, para compreender o corpo, é necessário entender a sua totalidade, saber que ele possui uma estrutura material, que está em constante transformação e desenvolvimento, constituído pelas condições políticas, sociais, econômicas e culturais. No entanto, a autora percebe algumas lacunas sobre entender e conceituar o corpo, e destaca como uma das tarefas da Educação Física refletir sobre ele para orientar as ações de intervenção.

O professor de educação física ganha destaque como o profissional que lida diretamente com o corpo, seja para criar situações que possibilitem maior beleza e melhor performance, ou fazer crítica a intervenções e promover a apropriação da cultura corporal. A cultura corporal se refere às danças, às lutas, aos esportes, às ginásticas, aos jogos e brincadeiras, que pode ser apropriada como forma de promover o desenvolvimento do indivíduo nas suas dimensões lúdicas e/ou competitivas.

Desse modo, é fundamental que os profissionais de educação física tenham conhecimento não só sobre a cultura corporal e as formas de aprendê-la, como também o que é o corpo, já que a cultura é constitutiva deste.

Silva e Ludorf³ realizaram uma pesquisa com graduandos em Educação Física do primeiro e dos últimos períodos, em que foi avaliada a compreensão desse público sobre o corpo. O corpo foi caracterizado como algo interativo e social, uma construção sociocultural pela maioria dos participantes, mas também se revelou uma concepção dicotômica entre corpo e mente, em menor proporção.

Em outra pesquisa, Silva e Ludorf⁴ verificaram a imagem corporal de acadêmicos de

educação física e identificaram elevado número de pessoas com insatisfação com a imagem corporal. Frank et al.⁵ também encontraram insatisfação corporal significativa entre estudantes de educação física, que foi maior entre as mulheres comparativamente aos homens.

Lüdorf⁶ realizou uma pesquisa com o intuito de analisar de que forma o corpo contemporâneo é abordado por professores universitários em educação física. Os resultados mostraram que assuntos relacionados à estética corporal são estudados na universidade somente em poucas disciplinas. Por sua vez, Hakamada⁷ desenvolveu uma pesquisa com professores de uma universidade com o propósito de verificar quais dimensões do corpo têm sido tratadas no processo de formação dos professores de Educação Física. Os resultados revelaram que os professores compreendem o corpo através das dimensões sociocultural, biológica, afetiva e técnica.

A partir de tais pesquisas, o objetivo deste trabalho foi investigar qual a compreensão de corpo que discentes de um curso de educação física tinham e como, na perspectiva deles, deveria ser o corpo do professor dessa área. Entende-se que, além da orientação na prática profissional que a compreensão de corpo promove ao professor, a forma como ele compreende como deve ser o seu corpo também é determinante na sua atuação e nas estratégias que adotará para se adequar e/ou se aproximar a esta concepção.

Fundamentação teórica

É pelo/no corpo que o indivíduo se concretiza no mundo e se manifesta nele, expressando a história social, religião, vínculos que são mantidos, emoções, percepções, afetividade e significados evidenciados de diferentes formas. Segundo Daolio⁸, a cultura constrói certas especialidades que fazem parte da história do homem, que define a concepção do corpo de uma dada época. Neste sentido, cada cultura tem um conjunto de posturas, valores, princípios morais e éticos, características específicas das regiões e os próprios padrões a serem seguidos, enfatizando determinados aspectos específicos.

Ao se pensar no corpo e seu desenvolvimento, pode-se falar da motricidade que é construída através das heranças biológica e sócio-histórica. Logo, a construção da motricidade é produzida por processos de aprendizagem, que pressupõem aprender diversas habilidades motoras⁹. A motricidade é um processo adaptativo que evoluiu no decorrer do tempo, sendo uma construção do movimento intencional a partir do reflexo, dando respostas a estímulos externos.

Kolyniak Filho¹⁰ afirma que a motricidade humana é a forma de relação do ser humano com o mundo e com o outro, fruto de um processo constituído ao longo do passado e do futuro

projetado, evidenciado em diferentes formas de comunicação e expressão, a exemplo da gestual, verbal, cênica etc. Segundo o autor, pode-se compreender a motricidade consciente, que é objeto da educação física, através do desenvolvimento humano, o qual passa por vários processos de aprendizagem, levando-o, assim, a interações sociais. A motricidade consciente se refere aos movimentos motores que o corpo responde a algum estímulo neural, que são planejados antes de serem realizados.

Fátima² afirma que, para entender o corpo, é necessário compreender a relação indivíduo-sociedade; o corpo não é apenas influenciável pela cultura, ele é constituído por ela e pela realidade social. Em seus estudos, Daolio⁸ aponta que o corpo se expressa por determinada cultura, mas também na interação com a natureza. Por isso, ele não pode ser concebido apenas em sua dimensão biológica, negligenciando-se a sua construção social. Ele é um meio de expressão do eu que é afetado pelo meio onde o indivíduo está inserido. “[...] No corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca”⁸.

A partir das concepções dos autores supracitados, é possível compreender que o corpo passa por vários processos de desenvolvimento constituídos pela trajetória cultural, política, economia, e por isso, existem diversas ideias de como ele é e se desenvolve. Apesar de ser composto por uma estrutura esquelética com músculos, órgãos, articulações, água, proteínas, gordura, sistema nervoso, o corpo vai muito além disso; é composto por uma “parte pensante”, que possibilita que a dimensão biológica se desenvolva, ao mesmo tempo que, sem essa dimensão, a “parte pensante” não se desenvolve. É apenas a compreensão da unidade entre psiquismo e corpo que constitui os seres enquanto humanos, tanto em sua dimensão corporal quanto em sua dimensão psicológica. Portanto, o corpo expressa como o indivíduo lida com o mundo, numa unidade psicofisiológica.

Dessa forma, a existência de um corpo ideal ou perfeito, seja estética ou produtiva, existe apenas para atender a demandas e necessidades de uma sociedade que produz mercadorias que necessitam ser consumidas, que negligenciam ou negam as particularidades diferentes de cada indivíduo. A educação física não deve se submeter a essa lógica demandada pelo mercado, mas, sim, transformar a cultura a partir de si mesma, a fim de promover o conhecimento e entender qual a essência do elemento cultural. Cabe à educação física, então, possibilitar o conhecimento do corpo e da sociedade¹¹, afinal, é por ele que se consegue estabelecer relações com os outros e nos reconhecemos como humanos.

Método

Para atingir os objetivos da pesquisa, foi realizada uma investigação do tipo qualitativa, e a técnica de obtenção de dados foi o grupo focal. “O objetivo central do grupo focal é identificar sentimentos, atitudes e ideias dos membros a respeito de um determinado assunto ou tema. Em pesquisas exploratórias, o grupo focal pode ser usado para gerar novas ideias ou hipóteses”¹². À vista disso, entende-se que as discussões sobre o corpo a partir de diferentes perspectivas e argumentos apresentados pelos participantes pudessem suscitar reflexões entre eles, levando-os a elaborar melhor os argumentos a serem apresentados ou, ainda, terem dúvidas em relação a eles. Observar a interação entre os participantes a partir das semelhanças e diferenças de suas compreensões também é um aspecto importante em relação aos objetivos da pesquisa. Além do grupo focal, foram desenvolvidas vivências de práticas corporais para auxiliar na discussão do grupo focal.

Participantes

Participaram da pesquisa 8 discentes, sendo 1 homem e 7 mulheres do curso de Educação Física de uma universidade federal do Estado de Minas Gerais. Os critérios de inclusão dos participantes foram:

- Discente do primeiro (1º) ano e do último (4º) ano do curso de Educação Física, quatro de cada ano.
- Ter disponibilidade para participar do grupo em dias e horários previamente agendados.
- Caso houvesse mais de cinco interessados em cada ano, seria realizado um sorteio para definir os participantes da pesquisa.

No primeiro encontro, foram explicados os objetivos da pesquisa, da prática corporal e do grupo focal e como seriam as dinâmicas deles. Em seguida, foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que os participantes assinassem. Logo após, foram desenvolvidas junto aos participantes quatro práticas corporais, sendo uma de esporte adaptado, uma colaborativa, uma competitiva e uma vivência sem a necessidade de ser desenvolvida em grupo. Tais atividades ocorreram no ginásio poliesportivo do curso de Educação Física da universidade em que a pesquisa foi realizada.

As atividades foram filmadas por uma das pesquisadoras, para auxiliar na organização e análise dos dados, bem como foi elaborado um diário de campo com observações das atividades realizadas, por outra pesquisadora. Todas as atividades tiveram como objetivo levar

os participantes a vivenciar diferentes possibilidades do corpo, a partir dos objetivos de cada uma das atividades. Entende-se que tais práticas possibilitaram melhor reflexão e expressão dos participantes sobre o corpo, o que pode ser constatado no grupo focal.

No grupo focal, o modo como os participantes compreendiam o corpo foi discutido a partir das vivências corporais e questões norteadoras. As demais perguntas foram elaboradas a partir das especificidades demonstradas pelo grupo durante a vivência das práticas (as dificuldades, facilidades, competições entre si, colaboração, alcance dos resultados e objetivos das atividades), direcionadas para a compreensão do que entende sobre o que é corpo, se existe um corpo ideal, corpo deficiente, corpo habilidoso e não habilidoso e como o corpo do profissional da educação física deve ser, tendo em vista a especificidade de sua atuação. As discussões do grupo focal também foram filmadas, a fim de facilitar a transcrição das falas dos participantes, bem como observar a interação entre eles diante das semelhanças e diferenças das compreensões sobre o corpo. A Figura 1 demonstra, de forma sintética, o roteiro do encontro com as práticas corporais e do grupo focal.

Práticas Corporais	Grupo Focal
Vivências corporais para que os participantes tenham diferentes situações de expressão e rendimento corporal, tanto de forma individual como coletiva, para que os objetivos das atividades sejam alcançados. As vivências foram: basquete 21, vôlei tradicional, andar pelo espaço vendado com alguns obstáculos e dança circular.	O que é o corpo? • A partir dos conceitos apresentados, trazer situações vivenciadas nas práticas que podem ser contraditórias ao que foi verbalizado. • Há padrões de rendimento, estética?
	Como deve ser o corpo do professor de educação física? • Considerar a concepção de corpo que foi apresentada nas questões anteriores.

Figura 1- Roteiro das práticas corporais e do grupo focal.

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade em que a pesquisa foi desenvolvida, sob número 3.002.210. Os resultados foram analisados depois da transcrição dos áudios, leitura dos diários de campo e visualização das atividades filmadas, a partir da fundamentação teórica do presente projeto. As categorias de análise dos resultados foram: compreensão sobre o corpo e como deve ser o corpo do profissional de educação física.

Os resultados foram analisados a partir das categorias elaboradas, tendo em vista os

objetivos e o referencial teórico da pesquisa.

Resultados

A apresentação dos resultados será iniciada pela compreensão de corpo apresentada pelos participantes da pesquisa, a partir da transcrição de trechos das suas falas (designados como pedras preciosas) no grupo focal e de algumas observações feitas no encontro com as vivências das práticas corporais. Nessa categoria, foi possível identificar quatro compreensões sobre o corpo: metafísica, biológica, cultural, indivíduo.

Sobre a compreensão metafísica, aspectos vinculados à religiosidade constituem o corpo, como pode ser observado nos trechos transcritos a seguir:

Jaspe (Primeiro período): “Para mim, essa pergunta é muito difícil de responder. Assim, eu tenho uma visão um pouco metafísica dessa questão de corpo, do que eu sou. Então eu acho... não sou o corpo, eu estou nesse corpo e aí nesse corpo a gente vai se instalando, vive a vida, nasce e desenvolve passa por experiências. É isso”.

Ágata (Primeiro período): “[...] o meu corpo é eu mesmo, sou corpo, alma e espírito”.

No entanto, o corpo metafísico necessita de uma materialidade biológica para se manifestar, sendo também biológico, para Jaspe.

Jaspe (Primeiro período): “É uma unidade fisiológica/biológica que tem, ou não sei, funcionamento complexo, que a gente passa emoções, vivência, cresce e desenvolve”.

Jaspe apresenta duas compreensões: em um primeiro momento, ela coloca que o corpo é a morada da alma, e agora o afirma como algo biológico. Jaspe entende o corpo numa perspectiva metafísica; após a discussão dos participantes do grupo focal, ela apresenta o corpo como “unidade fisiológica”. É possível que a discussão do grupo focal a levou a complementar sua compreensão corpo, mas reduzindo-o à dimensão biológica. Apesar das compreensões serem distintas, é possível correlacioná-las.

Um terceiro participante destacou as dimensões biológicas do corpo, sendo necessário cuidar dele, entendendo-o como fardo, que pode ficar mais leve ou pesado, dependendo da qualidade de vida do sujeito (alimentação, outros cuidados com o corpo).

Turquesa (Primeiro período): “Essa é muito difícil. Eu acho assim, é um fardo que a gente tem aqui na Terra, é algo que parece... é algo que parece banal. Se pensar: eu nasci, cresci e vou viver, mas na medida que eu vou cuidando desse fardo, ele pode ficar mais leve ou mais pesado”.

Importante destacar que as compreensões metafísicas e biológicas do corpo se referem

à maioria dos discentes do primeiro período. Os discentes dos últimos períodos do curso apresentaram compreensões de corpo como produção cultural e que ele é o indivíduo.

Sobre a terceira compreensão de corpo, este foi entendido como uma produção da cultura, como as falas a seguir evidenciam.

Pérola (Último período): “[...] é o resultado de experiências vividas de onde está inserido”.

Cristal (Último período): “É algo cultural, você é o que a vida fez você ser”. Então, isso se manifesta como? Através do corpo, da fala, do andado, das atitudes. O jeito de vida que você leva o reflexo do seu corpo, então corpo é o que a gente é, no universo, no espaço: “O corpo é a nossa ferramenta de tudo”.

Rubi (Último período): “Eu também acho igual a Cristal, se o corpo da gente proporciona...da gente ter várias vivências e sensações, realizar as atividades do dia a dia. É através desse corpo que a gente tem a oportunidade de ter novas habilidades, de conhecer novas coisas”.

Uma discente do primeiro período concebe que a cultura possibilita ao corpo expressar as experiências e os sentimentos individuais:

Esmeralda (Primeiro período): “Para mim, o meu corpo é o que eu uso para movimentar, sou eu no espaço, mas também meu corpo é aquilo que eu transmito, aquilo que eu sinto”.

Apesar de Pérola destacar a constituição cultural do corpo, também o entende como sendo o próprio indivíduo, como pode ser observado em sua fala, constituindo a quarta concepção de corpo identificada nos participantes da pesquisa.

Pérola (Último período): “O corpo sou eu”.

No âmbito da discussão sobre corpo, os participantes foram questionados sobre o que entendiam sobre corpo deficiente, eficiente e ineficiente. Esse tema surgiu quando foram questionados sobre como avaliaram a vivência das práticas competitivas e com restrição de movimento ocorridas no encontro que tais práticas aconteceram. Após discussão sobre como foi a vivência desse encontro, o grupo foi questionado sobre o que entendem em relação ao corpo deficiente

Rubi (Último Período): “Na minha visão, esse corpo deficiente é que, quando não tem uma função, ele precisa usar outras partes do corpo para saciar a função que foi tirada”.

Safira (Último Período): “É a perda de uma função. Eu acho que é isso”.

Pérola (Último Período): “Eu também acho que é a perda da função”.

Esmeralda (Primeiro Período): “Para mim, o corpo deficiente seria você perder uma função, mas aquele corpo deixa de ser deficiente a partir do momento que você consegue realizar determinada coisa com outros membros”.

Cristal (Último Período): “Quando falo de corpo deficiente, todo mundo pensou perda de braço, perna. E tem tanta gente que tem todos os membros, mas o corpo é deficiente, ainda cheio de vícios. É um corpo cansado, que não aproveita os movimentos. E será que a pessoa que não tem um braço, mas que dança, pula, canta, corre... Será... Quem é o deficiente ali? Onde que tá a perda da função?”.

Cristal (Último Período): “A limitação de não ter um braço tá na gente, porque a gente tem ele, mas se acontecer de todo mundo tá propício a isso, o nosso corpo, como um todo, vai se dar uma resposta para aquele tipo de perda que você teve”.

Para a maioria dos participantes, a deficiência está relacionada à perda da função de um membro corporal, mas alguns compreendem que a deficiência não é isso, sendo necessário entendê-la não como ausência, mas quanto às possibilidades novas que surgem para o indivíduo para compensá-la.

Ao serem questionados sobre como foi realizar as atividades com restrição de movimentos, os participantes expressaram as seguintes falas:

Rubi (Último Período): “Gente, tipo assim, no futebol a gente usa o corpo pra fazer praticamente tudo, ele está presente em todas as atividades da gente. E quando a gente perde uma função, no caso, a gente fez o vôlei sentado; na hora que a gente fez, a gente se sente é... tipo assim... A gente sente que tá faltando uma parte e1 com a necessidade de usar as outras partes que a gente nem usa tanto”.

Cristal (Último Período): “Que a gente já até esqueceu”.

Rubi (Último Período): “É que até esqueceu que tem realmente”.

Safira (Último Período): “[...] o jogo que eu fiquei com mais raiva por ter perdido foi o vôlei, por causa dessa [coisa] de arbitragem, que a gente perdeu por um ponto de diferença”. Eu falei: “nossa aquele ponto, aquele ponto era nosso”. Era por causa daquela mania de olhar regra”.

A mediadora do grupo focal ponderou que o grupo tinha solicitado a volta do ponto e que a solicitação foi atendida. Duas participantes responderam o seguinte:

Pérola (Último Período): “Nós íamos perder do mesmo jeito”.

Safira (Último Período): “Não, mas assim, eu não liguei na hora, eu fiquei meio que

‘Ah, nossa’.”.

Com relação à outra atividade que foi realizada, o basquete 21, foram divididas duas equipes, misturando a primeiro e último período. Foi observado que, durante o jogo, os estudantes do último período estavam mais à vontade e descontraídos do que os do primeiro, evidenciado na pouca participação de alguns deles nas jogadas e pouco interesse em correr atrás da bola, havendo momentos em que um deles reclama que ninguém passou a bola para ele, mas também não se esforçava para pegá-la. Ao final do jogo, a equipe que perdeu reclamou de desvantagem por ter um homem alto na equipe adversária. A mediadora do grupo propôs uma revanche ou misturar os times, no entanto, continuaram com as mesmas equipes e fizeram a revanche. Todos tentaram fazer os estudantes mais retraídos participarem mais, e houve um momento que todos comemoraram uma cesta que um deles fez, mas o resultado final permaneceu igual ao primeiro jogo.

Ao serem questionados sobre o resultado do jogo, os participantes responderam:

Rubi (Último Período): “Eu, no início, fiquei brava”.

Mediadora: “Por quê?”

Rubi (Último Período): “Porque eu sou competitiva, aí perder pra mim é ruim. Mas aí, depois que foi cair à ficha de que era só um jogo, de interação, não é assim uma competição. Na verdade, é isso, sabe”.

Cristal (Último Período): “Eu pensei positivo, porque meu grupo ganhou, mas em outras ocasiões é lógico que eu não gosto de perder. Eu fico chateada, não brigo, nem nada”.

Esmeralda (Primeiro Período): “Pra mim foi bem tranquilo, foi muito tranquilo porque perdi. Pra mim, tanto faz”.

Safira (Último Período): “No basquete, mesmo ela (Esmeralda), estava mais quietinha. A gente poderia ter falado que perdeu por causa dela. Porque um time estava com 4 pessoas com um homem e o outro time com 4 pessoas, mas parecia que eram 3. Mas não, a gente foi bem ‘rilex’ (sic). Tipo assim, nós perdemos, acontece”.

Durante o decorrer do jogo, a participante Esmeralda, que pouco interagiu nas atividades, sentiu-se muito desconfortável na quadra, chegando a comentar para as pesquisadoras que, se soubesse que teria o basquete nas atividades propostas, não teria participado deste encontro. Em vários momentos dos jogos, ela não interagiu com os demais participantes e mostrou poucas tentativas de fazê-lo, pois não buscava a bola e não ficava em posição favorável para recebê-la, permanecendo fora do espaço demarcado como campo de jogo. Enquanto isso, foi percebido, nos demais participantes, o desejo de ganhar do outro time.

Em uma das poucas vezes que a bola foi na direção de Esmeralda, um dos participantes se jogou na frente para alcançar a bola, a fim de tentar fazer o ponto. Foram ações e atitudes pontuais durante a realização das atividades, mas não deixou de existir um certo tipo de exclusão com quem era menos habilidoso em determinado esporte.

A terceira atividade proposta foi com venda nos olhos, que exigia a colaboração entre os participantes, já que tiveram que passar por um trajeto superando alguns obstáculos (subir em bancos e andar sobre eles com larguras diferentes), e logo após trabalharam em dupla - um vendado teria que seguir as palmas do colega até o lado oposto do ginásio poliesportivo. Para voltar ao local de origem, foram orientados pelas vozes dos colegas do outro lado.

Ao final dessa experiência vivenciada pelos participantes, ficou nítido que em momento algum quiseram um ganhar do outro, pois todos realizaram a atividade juntos. Foi dito por um dos participantes como são importantes algumas habilidades físicas que possuíam, a que não se dá tanto valor até realmente se precisar delas.

Esmeralda (Primeiro período): “Eu só consegui pensar, sabe, o quanto a gente está adaptado a fazer as coisas do jeito que a gente faz; e o que foi muito bom, tirar a gente da zona de conforto. Eu realmente consegui perceber que o tato e a audição, pelo menos no meu caso, foi muito importante, principalmente o tato”.

A quarta e última atividade foi a dança circular, que também necessitou de atenção e coordenação de todos. Ao dar início à atividade, percebe-se que Esmeralda continuava envergonhada. Já os outros se sentiram à vontade. Durante a dança, foi possível perceber a dificuldade de alguns participantes na coordenação dos movimentos na discriminação de lateralidade e ritmo. É citada por um dos participantes a percepção que ele teve ao participar da dança circular. No final, todos verbalizaram que gostaram da proposta da dança, pois se divertiram bastante.

Cristal (Último período): “[...] coisa que eu gostei muito na dança circular é a naturalidade de fazer pro lado direito, fazer pro lado esquerdo, a gente às vezes esquece que tem o lado esquerdo né... O quão difícil fazer certo, fazer coisas com o lado esquerdo, então, o corpo tem uma amplitude total, tem limite, às vezes. Eu não uso ele todo a meu favor, ficam vícios corporais, e essa atividade me fez pensar isso: “a amplitude do corpo, as sensações, a leitura, enfim”.

A outra categoria de análise - a compreensão sobre o corpo do profissional de educação física - buscou apreender como os participantes entendem que deveria ser seu próprio corpo e as razões para tal entendimento. Tal questionamento foi feito por ser recorrente na área que o

profissional de educação física deve ter o corpo dentro dos padrões considerados saudáveis e bonitos, e o quanto não os alcançar ocasiona insatisfação corporal, como as pesquisas apresentadas na revisão de literatura evidencia. Os participantes apresentaram as seguintes respostas:

Ágata (Primeiro Período): “Pode ter o corpo que ele quiser!”.

Cristal (Último Período): “Um corpo saudável!”.

Ao serem questionados sobre o que é saudável, as respostas foram:

Cristal (Último Período): “Para mim, o corpo saudável é bem assim na área do biológico, porque, na verdade, o pessoal olha apenas a visão: “nossa, você tá gordinha, nossa você é professora de educação física?” Quem nunca escutou? “Você é professora de educação física, mas você é gorda”. Então, tipo assim, eu tô saudável? Estamos ok? Tô bem comigo mesmo”.

Safira (Último Período): “Eu acho assim, eu sou bacharel. Olhando por esse lado, se a gente é motivador, [...] assim se eu fosse bem mais gordinha; e aí como é que eu vou motivar uma pessoa, sendo que eu não me motivo? Não como bem, não faço atividade física. Pelo meu lado, eu penso assim: a gente tem que ser um espelho para o seu aluno, a gente não é meio um reflexo da criação? Então, meio que, do lado da academia, a gente tem que ser um espelho, mas não quer dizer que se a gente é forte que a gente é saudável por dentro entendeu? Não quer dizer isso”.

Cristal (Último Período): “O espelho! Imagina eu, então tá bom. Hoje em dia, uma pessoa de 50, 60 anos, ainda é tátil no mercado de trabalho, seu corpo não vai ser o mesmo, vai ter mudanças na questão de peso, na questão de pele mesmo. Eu entendi, Safira, o que você falou do espelho, é realmente, é muito senso comum. O senso comum pede isso, mas, tipo assim, a gente tem que tentar descaracterizar e isso porque nós não somos o corpo, a gente é corpo e mente”.

Safira (Último Período): “Tá, mas, tipo assim, um corpo do bacharel; acaba que seu cliente vai procurar pessoas que são mais marombadas, muitos não vão ligar por seu conhecimento. Tipo, eu posso não ter conseguido emagrecer, mas já fiz várias pessoas emagrecerem e hipertrofiar, não vai ligar muito pelo conhecimento da pessoa que vai te passar. Pelo menos a população, a maioria, olha o seu físico entendeu?”.

Turquesa (Primeiro período): “No campo escolar, você pode ser o melhor professor e seu filho chegar e falar: mãe, eu tenho o melhor professor de Educação Física. Se numa reunião os pais verem que o professor é acima do peso, eles vão reclamar na diretoria”.

Esmeralda (Primeiro Período): “Eu não tenho opinião, geralmente não gosto de pensar como deve ser. É obrigatório ser? Não gosto de pensar nisso, não tenho obrigação, eu acho que realmente ninguém deve ter uma coisa, cada um é cada um, faz o que quer, tá saudável, é bom pra você, não tá saudável, é ruim pra você. Ninguém tem nada a ver, ninguém deveria julgar”.

Jaspe (Primeiro Período): “Eu não tenho uma opinião ainda formada, a gente ainda tá chegando nessa questão de corpo com [mencionou o nome da professora da disciplina] com essa questão de que o povo vê, o que os alunos veem, o que o cliente vê, mas é muito complexo”.

Optou-se por apresentar um longo trecho da transcrição do grupo focal por ela revelar as compreensões dos participantes e a influência do local de estágio, como o caso de Safira. Mas é importante destacar que, nas discussões do grupo focal, houve consenso em relação à ideia predominante do corpo do profissional dentro de padrões de saúde e beleza. No entanto, as participantes do último período em licenciatura destacaram a necessidade de questioná-los, enquanto a discente do curso de bacharelado, apesar de entender a necessidade do questionamento, afirma sobre a necessidade de adequar-se às demandas do mercado.

Análise

Por muito tempo, a Igreja Católica possuiu o poder ideológico em relação às formas de conhecimento, dentre os quais a dicotomia entre corpo e alma, sendo que esta última habitava a primeira. Mesmo na atualidade, a Igreja Cristã ainda mantém tal concepção, que é evidenciada e continuada na forma como muitos que a seguem concebem sobre a vida e a si mesmos e isso é transmitido de pais para filhos. Tal aspecto foi identificado na compreensão metafísica sobre o corpo, apresentada por discentes do primeiro período. Entende-se que, para estes participantes, tal compreensão ainda era justificável, pois estavam havia pouco tempo no curso de Educação Física e não haviam cursado (ou estavam cursando) um conjunto de disciplinas que possibilita uma reflexão científica sobre o corpo, rompendo ou questionando a compreensão metafísica.

A compreensão de corpo biológico apresentada por um dos participantes, também do primeiro período, se aproxima de uma lógica monista de corpo, mas entendendo-o como fardo. Segundo Freire e Dantas¹³, o corpo não deve ser visto apenas pelos seus aspectos biológico, funcional e estrutural, mas entendido como a apresentação do ser no mundo, o que requer um novo olhar sobre ele, porque o corpo tem suas formas, ritmos e gestos; é linguagem para si e para outro.

Para Mauss¹⁴, o corpo é uma matéria-prima e uma ferramenta da cultura. É necessário entender que o corpo é um meio de comunicação e de expressão e não algo apenas biológico, e que a cultura influencia diretamente nele.

As falas que evidenciaram que o corpo é uma produção cultural e, ao mesmo tempo, se expressa por determinada cultura, como a linguagem, a partir de normas e padrões a serem determinados socialmente, constituem a maioria dos participantes, especialmente do último período. Pelas particularidades individuais e aspectos sociais, os indivíduos são educados dentro de uma cultura e determinados modos de ser e agir são passados de geração a geração. Os estudantes do último período compreendem que o corpo é cultural, levando em consideração o meio em que vivem e as experiências adquiridas durante toda a vida. Tais falas corroboram a concepção de Daolio⁸, de que o corpo constitui determinada cultura, sendo um meio de expressão; no corpo, estão escritas as normas, os valores de uma sociedade específica. Importante destacar que, durante a graduação em Educação Física, algumas disciplinas cursadas trataram o corpo enquanto cultura e provavelmente isso justifica a concepção apresentada pelos alunos do último período.

Com isso, percebem-se estudantes do primeiro período que o compreendem como algo metafísico e/ou biológico, revelando uma dualidade entre corpo, alma e psiquismo, e o último como algo cultural. As falas dos discentes do último período demonstram, ainda, que a cultura permite/ensina a manifestar sensações, emoções, medos, esperanças em determinado ambiente, através do corpo. No entanto, o pouco número de participantes - tanto do primeiro como do último período - e a diversidade de compreensão entre eles não permite afirmar categoricamente que tais diferenças entre os estudantes do primeiro e último período são explicadas pelo momento em que estavam no curso de graduação.

A compreensão sobre o corpo como sendo o próprio indivíduo se aproxima da concepção de corpo como a motricidade humana. Kolyniak Filho¹⁰ explica que a motricidade é uma forma de o indivíduo se relacionar com o mundo e com os outros, e quando se reflete sobre o corpo, consideram-se seus movimentos, suas formas de comunicação, suas expressões. A motricidade consciente se refere às sensações e aos movimentos intencionais do ser humano, construídos numa dada cultura.

Na compreensão das pesquisadoras, o que melhor responde o que é o corpo é a motricidade consciente, como já explicado no referencial teórico, pois a cultura interfere na postura, nos valores, nos costumes, criando certas particularidades de determinado lugar e o indivíduo manifesta muito desses aspectos de forma intencional. A motricidade é como o

indivíduo se desenvolve, a partir da relação dialética com a cultura, pois os movimentos são constituídos de manifestações de um determinado contexto sociocultural, por isso varia de cidade, bairro ou país em que se vive. Assim, a compreensão de uma das participantes seria a mais completa, pois o indivíduo é constituído culturalmente, sendo ele também o corpo.

Ao se analisarem as respostas dos participantes da pesquisa, percebe-se que a compreensão de corpo mais citada e discutida entre eles foi a monista (cultural e indivíduo), pois, a partir dela, eles entendem que por meio da cultura o indivíduo consegue se manifestar e expressar seus desejos e sentimentos. Ao se compararem as respostas do primeiro e último período, fica explícito que, no último, predomina a concepção cultural de corpo, no entanto, mesmo estes estudantes tendo mais conhecimento sobre o corpo, percebeu-se que não tinham clareza do que ele é em si, pois sempre falavam dele como cultural, não dando uma resposta concreta sobre o que, de fato, é o corpo e a cultura.

Outra evidência sobre a ausência de uma clareza da compreensão de corpo é a forma como uma das participantes verbalizou o que entende como saúde, relacionada apenas aos aspectos fisiológicos. Apesar desta compreensão ter sido mencionada por apenas uma das participantes, e desta não ter sido problematizada no grupo focal, pois poderia fugir das discussões sobre o corpo, é importante apontar a incoerência entre a compreensão de saúde e corpo apresentada pela participante, além de uma visão restrita sobre saúde, numa perspectiva biomédica.

Destaca-se a importância de compreender o que é o corpo, pois este é o objeto de estudo e intervenção da prática profissional da educação física. Apenas com um conceito e a compreensão clara sobre seu objeto de intervenção, é possível se tornarem profissionais mais capacitados para lidar com os estudantes no cotidiano e orientar sua prática.

Com relação ao corpo deficiente, eficiente e ineficiente, importante apresentar a compreensão de Vygotsky¹⁵, de que é um erro compreender a anormalidade nas características diferentes nos indivíduos ou entender a diferença como um defeito, algo para sentir pena ou até mesmo excluir, notando o que falta e não perceber as potencialidades e as possibilidades de compensações diante de uma deficiência. Para a maioria dos participantes, o corpo deficiente é aquele que teve perda de uma função, por inexistência de algum membro corporal, o que permite pensar que ele é ineficiente em algumas atividades que exigem a função perdida. Mas, mesmo concordando que o corpo deficiente seja a perda da função, uma participante do primeiro período afirma que o corpo deixa de ser deficiente a partir do momento que se utilizam outros membros para suprir o que foi perdido, ou seja, ele passa a ter alguma eficiência.

Cristal apresenta uma ideia mais clara do corpo deficiente, compreendendo que não é só a falta de um membro que torna uma pessoa ineficiente, mas o quanto ela consegue compensar a ausência de determinada função. Ela vê a perda de um membro não só como deficiência, mas como limitações construídas socialmente, tendo como referência um padrão normal de corpo. Numa perspectiva semelhante, apesar da ideia de perda de função, Esmeralda, que ainda estava no primeiro período, compreendia que o corpo deixava de ser deficiente se as possibilidades de compensação fossem desenvolvidas, em consonância com as concepções de Vygotsky sobre o tema, mas os demais estudantes do primeiro período compreendem o corpo deficiente como perda da função. Assim, apesar das diferenças identificadas entre os estudantes do primeiro e último períodos, outras divergências encontradas independem do momento que o estudante está no curso.

Na fala de Ágata, a compreensão de deficiência implica a ausência de algo e que mesmo com as possibilidades de compensação, a falta é um aspecto constitutivo da deficiência.

Vigotski¹⁵ compreende a importância de buscar as potencialidades do indivíduo ao invés das dificuldades, e o que falta no processo do desenvolvimento e, a partir das mediações, criar os caminhos indiretos. O autor relata a necessidade de se compreender e conhecer o aluno com deficiência como um indivíduo social, que, através das mediações recebidas em seu ambiente, pode acionar mecanismos compensatórios, que contribuem para promover uma melhor forma de aprendizagem, impulsionando o desenvolvimento. Entende-se o processo de compensação como um modo positivo que permite ao indivíduo superar a falta de determinada função.

Entende-se que parte das reflexões e compreensões dos participantes sobre o corpo deficiente e sua limitação podem estar ligadas às atividades que realizaram no encontro em que foram desenvolvidas as práticas corporais, quando puderam vivenciar algumas modalidades esportivas para pessoas com e sem deficiência. Percebe-se que, durante a atividade do vôlei sentado, por exemplo, os participantes tiveram dificuldades para se locomoverem pela quadra e realizar movimentos básicos do vôlei tradicional. Pode-se relacionar as dificuldades que tiveram na prática com as respostas dadas, que a falta da função de um membro pode evidenciar algumas limitações, mas podem utilizar outros membros para realizar os movimentos das pernas, como os braços e as mãos para a locomoção.

Ainda sobre a eficiência do corpo a partir do que é mais comum, Safira e Turquesa, do primeiro e último período, respectivamente, ponderam sobre a concepção de normalidade como ausência de algo, destacando a questão do padrão socialmente colocado, mas que este depende de um contexto. Outros dois participantes da pesquisa também ponderaram sobre esses padrões

de normalidade. O que é comum é culturalmente determinado, mas cada sociedade é que determina o que é “normal e o anormal”.

Ao serem questionados se o padrão de normalidade era dado pelo funcionamento fisiológico, Cristal, Jaspe, Pérola e Rubi (do último período) responderam que não, mas dado pela cultura; já Ágata (primeiro período) compreende que é o aspecto fisiológico. Importante destacar que as respostas destas participantes estão em consonância com a própria compreensão de corpo que apresentaram, como constituição cultural e unidade fisiológica, respectivamente.

Percebe-se o quanto existe um padrão de corpo e de atitudes impostas pela sociedade, e, quando alguém foge desse padrão, é considerado estranho. Tal imposição dificulta muitas pessoas a se adequarem à norma, pois os biotipos são determinados pela massa muscular, acúmulo de gordura, metabolismo, dentre outros. Assim, existe um padrão de normalidade, já citado anteriormente, que significa que os indivíduos devem seguir determinados números ou percentuais desses aspectos para terem um corpo considerado bonito e saudável, mas nem sempre isso é possível.

Com isso, pode-se perceber que apenas Ágata, do primeiro período, compreende o corpo como aspecto fisiológico, que deve se adequar ao que é considerado saudável e bonito a partir dos parâmetros estipulados pela área da saúde, enquanto os outros participantes entendem o corpo a partir da cultura onde está inserido. Esses resultados são semelhantes aos da pesquisa de Silva e Ludorf³, em relação à dimensão cultural na constituição do corpo que predominou nos participantes da pesquisa.

Com relação à forma como os participantes compreendem como deve ser o corpo do profissional de educação física, uma das participantes defende que ele deve ser o modelo de saúde, pois isto é constitutivo de sua prática profissional por ser um fator motivador para aqueles que procuram o profissional para adequar o seu corpo aos padrões estéticos e de saúde. Percebe-se que ainda há uma compreensão de que o profissional de educação física deve ter um corpo atlético e, por meio dele, se inspirarão novo “clientes” a terem o mesmo tipo de corpo, como foi a fala dos estudantes do primeiro período e da discente do último ano do curso de bacharelado. Os estudantes do último período do curso de licenciatura já entendem e defendem a necessidade de desconstruir essa concepção de corpo do profissional de educação física, pois compreendem que o mais importante é ter um corpo saudável e se sentir bem consigo mesmo.

É necessário entender que o bem-estar vai muito além das dimensões biológicas, como Ágata coloca, e que a interação social, os aspectos psicológicos e funcionais contribuem para uma vida saudável. Para o indivíduo ter uma sensação de bem-estar, é necessária harmonia

entre o meio em que ele vive e consigo mesmo. É importante problematizar sobre esses aspectos para que os indivíduos possam ter um pensamento mais crítico sobre quem eles são e as pressões sociais voltadas para regular o modo de ser e existir no mundo. Percebe-se que houve um consenso de que o corpo deve ser saudável, apesar de não ter ficado claro o que é isso, mesmo que, em algum momento, foram mencionadas as concepções de saúde da Organização Mundial de Saúde e do modelo biomédico.

De acordo com Segre e Ferraz¹⁶, “a própria organização social e a condição mesma da existência do homem em grupos baseiam-se em uma renúncia que, ainda que assegure ao indivíduo certos benefícios, gera um constante sentimento de mal-estar”. Os autores entendem que o estilo e o ritmo de vida podem causar uma série de doenças. Saúde não significa necessariamente uma normalidade do organismo humano, ela pode ser determinada por uma alimentação saudável, a prática de atividades físicas, pelo ambiente, meios sociais e econômicos onde o indivíduo está inserido.

Nas respostas, percebe-se que houve uma expectativa que o corpo deve ser um modelo a ser seguido em duas participantes, uma do primeiro e outra do último período. A primeira já tem uma formação de nível superior na área da saúde, voltada para o modelo biomédico; a segunda estava finalizando o curso de bacharelado de Educação Física e já atuava na área *fitness* em academias da cidade. Entende-se que essas particularidades das participantes explicam suas compreensões de como o corpo do profissional de educação física deve ser.

Importante destacar que, nas discussões do grupo focal, houve consenso em relação à ideia predominante do corpo do profissional dentro de padrões de saúde e beleza. Apesar dessa necessidade de questionamento, é fato que muitos profissionais que não têm o corpo de acordo com tais padrões não conseguem empregos, até mesmo estágios durante seu processo de formação profissional.

Por meio das discussões do grupo focal, constata-se que a maioria dos participantes entende o corpo como uma construção cultural e que ele traduz emoções, sendo assim, uma forma de linguagem e resultado de experiências adquiridas. Mas também existe um padrão de normalidade do corpo, sendo esse o que é comum na maioria das pessoas, aceito por uma cultura e veiculado nos meios de comunicação.

Muitos compreendem que o corpo, para ser eficiente, deve desenvolver atividades do dia a dia de forma satisfatória, mesmo que a compreensão de eficiência não tenha ficado explícita em relação às habilidades. No encontro das vivências das práticas corporais, percebeu-se que, durante as atividades, os estudantes de certo modo buscavam a eficiência, deixando de

lado os que não eram tão habilidosos. Em muitos momentos, foram bastante competitivos, buscando sempre a vitória, mesmo o jogo sendo apenas uma prática sem premiação.

Apesar das falas dos discentes de que o corpo é uma construção social e das críticas aos padrões de normalidade e da eficiência, na prática acabaram excluindo aqueles que não eram habilidosos. A educação física ainda aprecia muito a eficiência, e ao fazer isso acaba não levando em consideração as individualidades de seus estudantes.

Segundo Daolio⁸, há muitas pessoas que reclamam da educação física, ao relatarem que sofreram chacotas e foram vítimas de discriminação, simplesmente por não serem habilidosos em determinados jogos e esportes. Assim, é necessário que os professores compreendam as diferenças entre os estudantes, sendo de grande importância a desconstrução da educação física que privilegia somente os mais capazes, dando condições para que todos participem e aprendam os conteúdos nela proposta.

No decorrer da discussão, foi possível perceber que houve contradições e mudanças em algumas falas, como já citado anteriormente, e a hipótese é de que, durante as discussões do grupo, os participantes repensaram as respostas, como aconteceu na compreensão de corpo de Jaspe, que anteriormente coloca o corpo como algo metafísico e logo depois acrescenta que ele é uma dimensão biológica também. Houve diferenças entre as respostas dos estudantes do primeiro e último período em relação à necessidade do corpo do profissional de educação física, que, para alguns, deve ser um modelo a ser seguido. No entanto, houve divergências na forma de compreender o corpo entre os participantes de um mesmo período. Como afirmado anteriormente, tais diferenças e o pouco número de participantes não permitem explicá-las a partir do momento em que eles estavam no curso.

Considerações finais

Na graduação, é importante haver disciplinas que problematizem sobre o corpo, a partir dos aspectos culturais, padrões de beleza e saúde, para uma reflexão crítica sobre eles. Na revisão de literatura, as pesquisas indicam insatisfação corporal do profissional de educação física, como as realizadas por Silva e Ludorf⁴ e Frank et al.⁵ Esses autores defendem que é necessário problematizar conteúdos que abordem a imagem corporal e o corpo durante a graduação, de modo crítico aos padrões postulados em relação à estética. A partir do grupo focal, percebeu-se que os apontamentos dos autores citados acima são, de fato, importantes.

Além dos conteúdos, as disciplinas práticas são importantes, pois possibilitam aos estudantes diversas vivências corporais que os ajudam a conhecer melhor o seu corpo, desde

que estas sejam ministradas com tal finalidade e não com a perspectiva de competição. No decorrer da graduação, parte das autoras vivenciou diversos momentos em que foi percebido e estudado sobre esses aspectos tanto em aulas teóricas como práticas, e que cada cultura tem suas especificidades, o que possibilitou as respostas dos discentes. É importante que, durante a graduação, disciplinas teóricas e práticas que norteiam os estudantes para o conhecimento corporal problematizem sobre o corpo e os padrões vinculados a ele, especialmente os voltados para atender a lógica de mercado, pois se o próprio profissional não está satisfeito com o seu corpo, é muito difícil auxiliar aqueles que vão buscar suas orientações a questionar determinados padrões que não traduzem, de fato, saúde, beleza e a eficiência.

É necessário questionar a ideia de que existe um corpo ideal, como é veiculado nos meios de comunicação, e criar estratégias para tentar superá-lo. Os profissionais de educação física podem ajudar a quebrar a idealização do corpo, mas também são responsáveis por mantê-la e fomentá-la.

Nos dias atuais, a educação física ainda valoriza o tecnicismo na formação dos professores de Educação Física; nas aulas práticas, parte das autoras percebeu isso quando eram graduandas, identificadas pela esportivização que ainda está presente, exigindo eficiência e habilidade, mesmo quando o objetivo era “ensinar como ensinar”. Percebeu-se o quanto muitos colegas de graduação consideravam isso importante, reproduzindo nas aulas de formação profissional a exclusão dos considerados não habilidosos, o que acontece no espaço escolar. O mais contraditório é que, nas aulas teóricas, esses discentes e professores defendiam a necessidade de romper com a educação física esportivizada e excludente, mas não percebiam que reproduziam a exclusão quando estavam na prática esportiva, assim como foi percebido no grupo focal.

É importante compreender que o corpo passa por vários processos de desenvolvimento; desde o nascimento, o ser humano passa por diversas transformações mediadas pela/na sociedade. O desenvolvimento de cada ser humano é proporcionado em lugares diferentes, seja em um país, cidade, família, escolas, tribo, entre muitos outros. A diversidade impõe influências que constituem o indivíduo, como a forma de linguagem, expressão, conceitos e atributos que caracterizam o ser humano, assim como as normas e os valores. O corpo expressa como o indivíduo lida com o mundo, sempre se desenvolvendo no aspecto psicofisiológico.

Dessa forma, a existência de um corpo ideal ou perfeito, seja estética quanto na dimensão produtiva, existe apenas para atender demandas e necessidades de uma sociedade que produz mercadorias que necessitam ser consumidas, que negligenciam ou negam as

particularidades de cada indivíduo.

São necessários mais trabalhos que abordem sobre o corpo, tanto nos aspectos teóricos como práticos, de tal modo que as contradições possam ser evidenciadas e superadas, pois a educação física não deve priorizar somente a técnica para os habilidosos e sim dar auxílios para que o discente, independentemente de como é o seu corpo e suas possibilidades, aprenda e sua motricidade seja consciente.

Referências

1. Teixeira DLP, Souza MCAF. Organização do processo de trabalho na evolução do capitalismo. Revista de Administração de Empresas [periódico na internet]. 1985; 25(4). Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/16078/3/S0034-75901985000400007.pdf> [2019 jul 08].
2. Fátima CR. Corpo e Educação Física: revisão integrativa da produção científica brasileira, 2009-2019. [Tese de Doutorado]. São Paulo: Pontifica Universidade Católica de São Paulo; 2020.
3. Silva CA, Ludorf AA. Visão de corpo na perspectiva de graduandos em Educação Física: fragmentada ou integrada? Revista Movimento [periódico na internet]. 2009; 15(3). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333860392_A_Visao_De_Corpo_na_Perspectiva_d_e_Graduandos_em_Educacao_Fisica_Fragmentada_ou_Integrada [2019 jul 08].
4. Silva CA, Silva FAG, Lüdorf SMA. Formação em Educação Física: uma análise comparativa de concepções de corpo de graduandos. Revista Movimento [periódico na internet]. 2011; 17(02). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/17112> [2019 jul 15].
5. Frank R, Claumann GS, Pinto AA, Cordeiro PC, Felden EPG, Pelegrini A. Fatores associados à insatisfação com a imagem corporal em acadêmicos de Educação Física. Revista Jornal Brasileiro de Psiquiatria Rio de Janeiro [periódico na internet]. 2016; 65(2). Disponível em <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/RqWGLGq8cNQDB8tMjrCYgSx/?format=pdf&lang=pt> [2019 ago 10].

6. Lüdorf SMA. Corpo e formação de professores de educação física. Interface [periódico na internet]. 2009; 13(28). Disponível em <https://www.scielo.br/j/icse/a/QKtYfspSKpsdmhwZbzHdyGQ/?lang=pt> [2019 ago 10].
7. Hakamada EM. Corpo: suas representações na formação do professor de educação física. [Dissertação de Mestrado]. Presidente Prudente-SP: Universidade do Oeste Paulista – Unoeste; 2012
8. Daolio J. Os significados do corpo na cultura e as implicações para a Educação Física. Movimento [periódico na internet]. 1995; 2(2). Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19309/000242837.pdf> [2019 ago 10].
9. Kolyniak Filho C. Motricidade e aprendizagem: algumas implicações para a educação escolar. Construção psicopedagógica [periódico na internet]. 2010; 18(17). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542010000200005 [2020 mar 09].
10. Kolyniak Filho C. Contribuições para o ensino em motricidade humana. In: Discorpo, revista do Departamento de Educação Física e Esportes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2002.
11. Baptista TJR. Reflexões sobre o corpo e o trabalho na educação física. Praxia [periódico na internet]. 2013; 1(1). Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/praxia/article/view/886/674> [2020 mar 09].
12. Guerra ELA. Manual pesquisa qualitativa. Belo Horizonte; 2014. [Desenvolvimento de material didático ou instrucional - manual para suporte de disciplina EAD].
13. Freire IM, Dantas MH. Educação e corporeidade: um novo olhar sobre o corpo. Holos [periódico na internet]. 2012; 4(28). Disponível em: <https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/729/578> [2020 mar 10]

14. Mauss M. As Técnicas Corporais. In: Marcel Mauss, Sociologia e Antropologia. São Paulo, 1974.
15. Vygotsky LS. Fundamentos de Defectología. In: Obras Completas. Tomo cinco. 2ª. Edição. Havana: Editorial Pueblo y Educación. 1995.
16. Segre M, Ferraz FC. O conceito de saúde. Revista Saúde Pública [periódico na internet]. 1997; 31(5). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/ztHNk9hRH3TJhh5fMgDFCFj/?lang=pt> [2020 mar 10]